MULHERES ENGANOSAS, TRAIDORAS OU PROVOCATIVAS: MULHERES MÁS!

Redefinindo as imagens de mulheres no Antigo Testamento*

Elaine Gleci Neuenfeldt

"Cuando soy buena, soy buena, cuando soy mala soy mejor!"

Essa foi a frase que nos motivou para debater. Em diferentes contextos, com diferentes grupos, pensamos sobre o que significa "ser má". Um dia, num estudo do livro de Rute, foi lançada a pergunta: "Por que Rute recebe tanta atenção e a colocamos como modelo a ser seguido, e por que Orfa (que é a outra nora de Noemi, a que dá as costas e regressa à casa de sua mãe) não merece o mesmo espaço e valor?" (Rt 1) Parece que, para enaltecer uma, temos que rebaixar a outra. Não lembramos que a despedida de Noemi e Orfa foi carregada de sentimento e amor. Beijam-se, choram, a nora não quer regressar, mas a sogra insiste (Rt 1,9.10.14). Já vai ser difícil arrumar um homem, parente próximo, para casar com uma, para duas vai ser quase impossível. Essa é a lógica da sogra, que conhece as leis patriarcais de sua terra. Melhor que Orfa regresse à casa de sua mãe! Agora, ao estudar o livro de Rute tomo mais cuidado ao tratar a questão de Orfa. Cuido para não colocá-la como adversária das duas outras mulheres. Essa é a lógica patriarcal: Rute: a boa, que segue e cuida da sogra, que vai casar, ser mãe, é o protótipo da mulher que cumpre o papel previsto na cultura patriarcal. Orfa é a que dá as costas, que volta a seus Deuses, portanto, a má. E até falamos do tema da solidariedade, ou da "sororidade" entre as mulheres, tão presente na história, mas nos restringimos a Rute e a Noemi.

Nesse sentido, podemos perguntar por tantas outras mulheres que receberam uma imagem bastante desfigurada e negativa na Bíblia e mais ainda na interpretação patriarcal e androcêntrica posterior: Eva (Gn 3) é o primeiro e mais conhecido exemplo; é lembrada como aquela que transgride a ordem e desobedece provocando a queda da humanidade e o início do pecado, e não como a que questiona a ordem imposta, que busca o conhecimento e o saber; atitudes louváveis no AT, mas quando se referem a homens (Salomão, p. ex., 1Rs 3,9-12). Jezabel (1Rs 19,1; 21,1-16), a rainha má, que mata, mente e falsifica, mas não a que usa do poder que lhe é dado por sua posição definida pelos homens. Afinal, ela é estrangeira e o que faz é defender os seus interesses. Atalia (2Rs 11) é outro caso parecido. A esposa de Ló (Gn 19,26) é

* Esse texto foi motivado por algumas discussões com mulheres salvadorenhas como Yaneth, Morena, Glória e Isabel. A elas é dedicado!

recordada como a transgressora, que olha para trás, que não consegue se desapegar do que é seu, e por isso é castigada. Ora, deixar para trás casa, terra, sonhos, história não é uma atitude fácil. Assim temos muitas mulheres: lembradas por sua transgressão, por sua oposição às regras e valores patriarcais impostos e por isso tachadas de más, enganosas, perigosas. Exemplos que não devem ser seguidos, por sua ousadia, por sua coragem! Assim, tenta-se impor há séculos uma interpretação centrada nos interesses de uma determinada categoria de homens, privilegiados econômica e socialmente (interpretação androcêntrica). Mas as mulheres, com uma atitude de suspeita, já vêm desconstruindo a história encoberta, estereotipada, preconceituosa e redescobrindo valores e sabores outros, proibidos e escondidos.

Mas afinal: Quem define o que é a maldade no caso das mulheres? Por que algumas mulheres são más? Quando elas são definidas assim? São perguntas que motivam esse texto. Para ilustrá-lo desde a perspectiva bíblica, convido uma mulher do Antigo Testamento para fazer parte deste debate e, assim, aproveitar para dar uma outra olhada na sua história, já que na história da interpretação ela foi tachada de enganosa, provocativa, sedutora, má. É a Dalila do livro de Juízes 16. A pergunta que vai nos mover é pelas relações que são estabelecidas entre ela e os homens, e também entre ela e outras mulheres. Isto significa perceber os papéis de gênero atribuído a elas e a eles, o que implica em evidenciar as relações de poder entre os gêneros. Perguntamos e observamos por quem e como o poder é exercido, e como é a construção do estereótipo de gênero, que são as expectativas construídas pela sociedade, portanto culturais e históricas, sobre as ações correspondentes a cada gênero.

Ao buscarmos resgatar as "mulheres más", queremos perguntar pelos motivos que levam a tomar determinadas atitudes. O texto bíblico, na maioria das vezes, não revela a motivação detrás de determinada ação, que é classificada como enganosa, traiçoeira ou má. Por outro lado, é evidente que a posição das mulheres é de inferioridade e subordinação, destituídas de poder político, e nesse contexto sua atitude é apresentada de forma negativa pois revelam ações que não enaltecem e justificam o poder masculino. O que deve ser mencionado é que o comportamento considerado enganoso ou mau não faz parte do caráter inato, naturalmente traiçoeiro ou mentiroso, das mulheres, mas faz parte das relações desiguais de poder.

Bonita, atraente, provocativa e perigosa! Será que estamos falando de Dalila?

É essa a imagem que temos de Dalila. Uma mulher bonita, atraente, irresistível até, mas perigosa e traidora. Mas olhemos mais atentamente o que realmente nos diz o texto[1]. Sabemos somente que Sansão se afeiçoou a uma mulher do Vale de Sorec, a qual se chamava Dalila. Ela não aparece ligada com nenhum homem, nem pai, nem marido ou filho. Ela parece ser só e independente. Não sabemos sua posição social,

1. A releitura proposta do bloco da mulher de Timna, da prostituta, de Dalila e Sansão está baseada na bibliografia citada ao final do artigo.

só sabemos que os filisteus lhe prometeram, cada um, mil e cem ciclos de prata se ela descobrisse o segredo da força de Sansão (2Sm 16,5). O fato de ela ser do Vale de Sorec não indica que ela é filistéia. Esta é uma região limítrofe entre Israel e a terra dos filisteus. Nada é mencionado sobre sua nacionalidade. A história da interpretação sobre Dalila diz que ela é filistéia como uma forma de justificar a sua atitude frente ao líder israelita Sansão. Afinal, a mulher, e ainda mais se for estrangeira, é perigo e ameaça de acordo com Pr 7,5-27. A única mulher identificada como filistéia com a qual Sansão se envolve é a de Timna (Jz 14). Apesar do protesto de seu pai e sua mãe, ele se casa com ela.

Outra acepção que se faz de Dalila é que ela seria prostituta. Porém, nada há no texto que indique isso. O fato de Dalila ser uma mulher só e receber Sansão em sua casa seriam uma indicação disso. Parece que a localização da história em relação ao bloco temático leva a conjeturar isso: está logo após o encontro de Sansão com a prostituta de Gaza. Assim se conclui que, devido ao envolvimento e casamento de Sansão com uma filistéia, a mulher de Timna e com uma prostituta em Gaza, imediatamente antes da história com Dalila, esta deva seguir as mesmas características. Este é um exemplo concreto de como se faz uma leitura androcêntrica e patriarcal, pois os preconceitos em relação à mulher independente, sozinha, que não exerce a maternidade, a colocam como prostituta, enganosa e má.

As lacunas que existem no texto são preenchidas com esses preconceitos e estereótipos. O texto mesmo parece estar querendo estabelecer uma ligação entre as três mulheres que têm envolvimento com Sansão: a história de Dalila e a da esposa, a mulher de Timna (que não recebe um nome), são muito parecidas. As duas tentam descobrir seu enigma, seu segredo. As duas conseguem: uma por meio do choro e a outra por meio de palavras; e a história da prostituta e Dalila só vem separada com um "e aconteceu depois disso" (Jz 16,4).

As mulheres mencionadas nestes 4 capítulos que tratam do herói militar Sansão estão enquadradas no esquema patriarcal de ser boa ou má (Jz 13, 14, 15 e 16). Uma é a boa mãe de Sansão (Jz 13). Ela em primeiro lugar é esposa e logo, mãe. Não questiona o seu papel. O mensageiro aparece para ela, sim. Ela, antes que o pai, recebe e entende a proposta do mensageiro. No entanto, ela não ameaça e não pretende mudar o papel a ela atribuído. Ela não desafia a autoridade de ninguém, pelo contrário, se adapta ao que lhe é proposto. Logo, as outras três: a mulher de Timna, a prostituta e Dalila são ameaça para Sansão. Desafiam sua autoridade. Representam perigo e, por fim, realmente causam a sua queda. Os relatos só vêm a confirmar o que Pr 31,10 afirma: "mulher boa é difícil de achar".

As três mulheres – a de Timna, a prostituta e Dalila – são objeto de desejo sexual. Sansão as vê e logo as deseja. A forma como se descreve o encontro de Sansão com as mulheres parece que quer dizer que a tentação faz parte da "natureza feminina", o que já nos é familiar em outros textos bíblicos (ver a história de Eva em Gn 3). A mulher de Timna é a que vai ser sua esposa, mas não fica claro se chegam a ter relações

sexuais. O texto diz que durante sete dias festejaram e ela chorava diante dele todo o tempo para saber a resposta do enigma. Por fim ele cede, e ela o revela aos filisteus. Em 14,18 se diz que, "antes de se pôr o sol", os homens chegam a decifrar o enigma diante de Sansão – seria uma referência a "antes de entrarem os noivos à sua tenda, e por fim estarem sós"? E o que quer dizer Sansão com "Se vós não lavrásseis com a minha novilha, não teríeis descoberto o enigma" (v. 18)? Seria um refrão (que chega ao limite da obscenidade!) que estaria insinuando que os homens haviam tido relações sexuais com a sua mulher? Por fim sua mulher é dada como esposa ao seu padrinho de casamento. O objeto de seu desejo sexual é de outro. A mulher é objeto do pai, dos homens, de Sansão, do texto e das interpretações. Não sabemos seu nome. Só sabemos que seu choro é poderoso, pois dobra Sansão. Depois disso, Sansão tem o encontro e a relação sexual com a prostituta em Gaza.

Essas histórias carregadas de linguagem e simbolismo sexual precedem o encontro com Dalila. Aqui não há nenhuma referência direta a uma relação sexual entre os dois. A não ser a imagem dele dormindo nos joelhos dela (ou *entre* os joelhos, como sugerem algumas versões), em 16,19. Na história de Sansão e Dalila (também com a mulher de Timna) o sexo está ligado com o poder e com o saber. O verbo no hebraico que se refere à relação sexual é "conhecer". O enigma que Sansão coloca no capítulo 13 para os filisteus é um jogo de poder e conhecimento. O segredo de sua força é outro mistério que envolve poder. Quando as mulheres conseguem arrancar a resposta dele, elas têm o poder. Saber a resposta lhes dá uma posição de poder. Embora essa posição represente uma ameaça para elas, pois o que acontece é que a esposa (a filistéia) é queimada com seu pai, como forma de vingança. Com Dalila não sabemos ao certo o que se passa, somente que ela desaparece da história quando serve aos interesses dos filisteus.

Para apropriar-se do conhecimento, Dalila não usa da mentira ou do engano. Ela é sincera e fala claramente qual é sua intenção: saber qual o segredo de sua força. Olhemos bem de perto quais são as ações dela: ela pede qual a maneira de amarrá-lo para que possa ser subjugado (16,6), e isso ela faz por três vezes. Ela fala claramente que são os filisteus que irão atacá-lo estando ele amarrado. Nas três vezes ele se solta e ela se queixa pelo fato de ter sido enganada. As ações de Sansão: ele mente e engana; brinca com a mulher, que ele diz amar. Note-se que em nenhum lugar do texto se diz que o amor é mútuo. Ela não diz que ama Sansão. Perguntemos o que é fazer o mal? Respondemos de imediato: mentir, enganar, falsificar! Ora, as atitudes de Sansão é que são reprováveis. Interessante é ver que na leitura que normalmente se faz do texto se faz de Dalila a enganadora e traidora. Mas se vemos quais são verdadeiramente as ações, devemos dizer que ela não age às escondidas. Pelo contrário, revela qual é sua intenção. Mas o problema é que ela é uma mulher independente demais, autônoma demais, capaz de decidir por si mesma o rumo de sua vida. E é isso o mal na cultura patriarcal. Ela é o exemplo de mulher que não deve ser seguido, segundo a lógica patriarcal, pois não age para justificar o papel do homem, do herói, do macho. Pelo contrário, enfraquece o macho, tira suas forças e sua visão. Além de tudo, ela usa do

poder da palavra para "dobrar" Sansão; o v. 16 diz que "ela o importunava todos os dias com suas palavras". É a capacidade de persuadir, de ter poder de convencimento pela fala, que se mostra eficaz na relação entre os dois.

Nessa perspectiva existem algumas interpretações sobre as atitudes de Sansão[2]. Ele conta o seu segredo a Dalila, porque ele quer. Ela só tem a sua beleza e o fato de que ele se apaixona, como instrumentos de coação. Essa é a fonte de seu poder. Sansão não pode resistir a ela, e a informação que Dalila recebe lhe dá outro tipo de poder. Mais uma vez quando ela repassa o segredo para os filisteus outro poder mais é envolvido, que é o econômico. Ela recebe o pagamento pela informação. Parece que Dalila rouba a força de Sansão: ele conta o segredo e perde sua força. O texto curiosamente diz: "então me enfraquecerei e serei como qualquer outro homem", isso quer dizer: fraco como qualquer outro homem? Poderia estar revelando o medo da "castração simbólica", da perda da macheza. O próprio símbolo de cortar o cabelo seria uma representação da castração e a cegueira, a impotência. Nessas interpretações Sansão simbolizaria o arquétipo do medo masculino das mulheres.

Os modelos de gênero apresentados aqui são de um homem com força física, mas com o ponto fraco na sua sexualidade. Uma mulher bonita, inteligente, atraente, mas traiçoeira. Mas no fim burra, pois sua perspicácia é usada por outros homens, os filisteus. Tomando isso em conta, a tarefa de desconstruir as imagens e os estereótipos é árdua, pois requer ter todo o cuidado para não cair em outras armadilhas como a vitimização das mulheres. Ou seja, ver as mulheres como vítimas passivas da história, não como sujeitos que, a partir de suas condições e acesso ao poder, interferem na ordem imposta às suas vidas. Quando propomos ler o relato desde as relações de gênero e, por conseguinte, desde as implicações no exercício do poder, isso implica em ver este como ambíguo e dinâmico. Poder significa a arte de fazer. O poder não é algo palpável, que se tem ou não, mas é algo que se exerce ou não. Poder é ação, é verbo. Não se pode enclausurar o poder ou apropriar-se dele, mas se pode exercitá-lo, tendo maior ou menor acesso aos mecanismos de relação de poder. A vivência da sexualidade pelas mulheres está relacionada com a distribuição do poder social. A condição de gênero feminino se refere ao conjunto de características de vida atribuídas ao corpo sexuado da mulher. O eixo central da condição de gênero feminino é a sexualidade, determinando a finalidade de sua existência. A especialização da sexualidade das mulheres se dá em duas linhas: uma é a procriação ou reprodução de outros seres e outra, a satisfação das necessidades eróticas dos homens. A sexualidade não é definida e vivida a partir da satisfação de ser mulher, mas em função de outros/as. Isto produz uma identidade fragmentada, que reduz os corpos das mulheres para atender a finalidades específicas, assumindo assim a dimensão de objetos e não de sujeitos de sua vontade. Por isso, a referência à sexualidade de Dalila como forma de conseguir poderes é ameaçadora no mundo patriarcal. Dalila reverte em força e poder a sua aparente fraqueza (afinal ela é uma mulher!)

2. Eva MARGOLIES & Louis GENEVIE, *O complexo de Sansão e Dalila;* J. Cheryl EXUM, *Fragmented women*, p. 83.

Outra forma de interpretar a história de Dalila é a partir do poder de que ela faz uso: o poder erótico. Essa é uma forma não reconhecida de poder no mundo patriarcal. O erótico é desvirtuado ou distorcido. Para as mulheres, o erótico como fonte de poder de transformação das relações é suprimido. De poder criativo de câmbio, o erótico passa a ser uma forma a mais de opressão, e se tem a idéia de que só superando-o ou suprimindo-o é que se tem realmente poder. Confunde-se o erótico com a pornografia. Mas, como uma forma de recriar o poder erótico, queremos vê-lo como a capacidade e a satisfação máxima de prazer. É ir até além dos limites medíocres impostos pela sociedade. É exigir a satisfação e o prazer como forma de viver relações recriadas. Uma reivindicação destas é perigosa, pois ameaça o *status quo* patriarcal. Por isso, se demoniza o erótico e se separa do cotidiano e do espiritual, restringindo-o a um espaço privado, íntimo e localizado, genital.

Para um mundo baseado na racionalidade, o jogo, a sedução, o prazer devem ser evitados, porque isso implica em perda de controle. O prazer dá a sensação de eternidade para um momento que é efêmero, passageiro. O prazer não é passível de ser racionalizado, quantificado ou explicado em palavras. Por isso, é perigoso, desestabilizador. Está, portanto, muito próximo do mal. Mulheres que reivindicam o prazer, que são independentes, que não se submetem, que questionam e decidem as regras e os jogos, que têm poder por meio da sua palavra só podem ser rotuladas de perigosas, enganosas e más, pelo mundo patriarcal.

Referências bibliográficas

COLLINS, Adela Yarbro. *Feminist perspectives on biblical scholarship.* Atlanta: Scholars Press, 1985.

EXUM, J. Cheryl. *Plotted, shot and painted: cultural representation of biblical women.* Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.

LORDE, Louis. "Lo erótico como poder". *In*: RESS, Mary Judith; SEIBERT, Ute & SJÖRUP, Lene (eds.). *Del cielo a la tierra: una antología de la teología feminista.* Santiago: Sello Azul, 1997.

MARGOLIES, Eva & GENEVIE, Louis. *O complexo de Sansão e Dalila: Por que alguns homens temem as mulheres?* Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1986.

SMITH, Carol. "Samson and Delilah: a parable of power", *Journal for the study of the Old Testament*, 76, 1977, p. 45-57.

WELDON, Fay. "Sansão e suas mulheres". *In*: BÜCHMANN, Christina & SPIEGEL, Celina. *Fora do Jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia.* Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 85-100.

Elaine Gleci Neuenfeldt
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – EST
Caixa postal 14
93001-970 São Leopoldo, RS